

A perigosa incompetência de Narendra Modi e Jair Bolsonaro | Carta semanal 26 (2020)



Arpita Singh (Índia), *My Mother [Minha mãe]*, 1993.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Notícias alarmantes sobre a covid-19 vêm do Brasil e da Índia, onde os números de infecções estão altos e a contagem de mortes cresce constantemente. **Cerca de um milhão de pessoas estão infectadas no Brasil**

Enquanto isso, a **revista do Conselho Indiano de Pesquisa Médica** mostrou que o relatório oficial do

governo sobre infecções no país até o início de maio (35 mil) subestima o número real de infecções (700 mil) em pelo menos **vinte vezes**. Os números oficiais do governo informam que 400 mil pessoas foram infectadas no país até junho, mas o número pode chegar a oito milhões se multiplicarmos o número oficial por vinte (segundo a estimativa do Conselho Indiano de Pesquisa Médica). A contagem oficial de mortes é de 13 mil, o que não é crível. Uma das descobertas imediatas do estudo do Conselho é que o governo não realizou nenhum rastreamento de contatos com seriedade. Das pessoas cujos testes deram positivo para covid-19 no **estudo**, o governo indiano não sabe como 44% delas foram infectadas.



Lygia Clark (Brazil), *Nostalgia do corpo*, 1964.

Nem no Brasil nem na Índia os governos adotaram ações baseadas em evidências científicas. No Brasil, o governo dispensou dois ministros médicos – Luiz Henrique Mandetta (ortopedista pediátrico) e depois seu substituto, Nelson Teich (oncologista) – e os substituiu por Eduardo Pazuello, militar que não é da área da saúde. Parece que nenhum médico quer se juntar ao governo e promover as opções favoritas de Bolsonaro, que não tolera evidências científicas que contradigam sua agenda política, como ficou evidente com a **demissão de Mandetta**. Como o presidente dos EUA, Donald Trump, Bolsonaro se alçou a profissional de saúde, instando seu ministério a incentivar o uso de cloroquina e hidroxicloroquina como antídoto para a doença. O fato é que, na semana passada, a OMS retirou novamente a hidroxicloroquina de seu Estudo de Solidariedade após a droga não mostrar benefício (além de causar problemas cardíacos em alguns pacientes, entre outros efeitos colaterais adversos); o Food and Drug Administration (FDA), nos EUA, revogou a autorização do uso emergencial do remédio no tratamento da doença na segunda-feira, 15 de junho; no sábado passado, os Institutos Nacionais de Saúde dos EUA interromperam uma avaliação sobre a capacidade do medicamento em tratar a covid-19.

Na Índia, o primeiro-ministro Narendra Modi promoveu a *atmanirbhar* (autossuficiência), pedindo às pessoas que tomem medidas por conta própria para enfrentar o vírus. O governo federal, ao que parece, não fará nada nem se responsabilizará. Os recursos médicos foram drenados dos sistemas públicos de saúde para os privados nas últimas décadas, o que tem sido duro para os infectados pelo vírus. Hospitais e clínicas particulares estão recusando pacientes que necessitam do uso de ventiladores e oxigênio; esses pacientes são em grande parte da classe média, o que significa que a situação dos trabalhadores é desconhecida.



Witaker
Moreira

Wilcker Moraes (Brasil), *Capitalismo na Crise do Corona*, 2020.

Desde o final de 2016, quando a direita voltou ao poder após a retirada antidemocrática de Dilma Rousseff da presidência, em um “**golpe brando**”, o Estado brasileiro atingiu o sistema de saúde com cortes severos. A Emenda Constitucional 95 (dezembro de 2016), ou EC-95, entrou em vigor em 2018 e congelou o orçamento federal por vinte anos, o que teve um impacto desastroso no Sistema Único de Saúde (SUS). Prevendo o futuro, a professora Liana Cirne Lins **escreveu** na época em que a emenda foi aprovada de que a EC-95 “não é um medicamento amargo. É a doença que colocará o país inteiro na UTI”. Em 2017, o governo – pela primeira vez em 30 anos – desembolsou menos do que o exigido pela Constituição para o orçamento da saúde. Além disso, fomentou convênios privados de baixo custo para **minar** o SUS. As obrigações legais dos Estados e municípios para investir recursos em cuidados primários de saúde e saneamento foram **enfraquecidas**, o que significou o desgaste do Sistema. A austeridade, em pouco tempo, corroeu a capacidade da saúde pública no Brasil, que tem um dos mais fortes **sistemas de saúde pública** do mundo – resultado de duras lutas sociais .

Quando Modi assumiu o cargo em 2013, seu governo **reduziu** o orçamento da saúde em 20% (aumentaram posteriormente a cada ano). Hoje, a Índia dedica uma quantia minúscula (1,15%) de seu PIB para a área, com a maior quantia destinada ao setor privado. O National Health Profile, um **documento** divulgado pelo governo da Índia em 2019, mostrou que existe um médico para cada 10.926 pessoas; dez vezes menor que a recomendação da OMS de 1 médico para cada 1000 pessoas. Os custos com saúde na Índia são escandalosos, sendo proporcionalmente um dos mais caros do mundo (**leia nosso dossiê n.25**). Mesmo antes do surgimento do coronavírus, 57 milhões de indianos se endividam todos os anos por conta do alto custo médico. O programa de seguro saúde do governo (*Ayushman Bharat-Pradhan Mantri Jan Arogya Yojana*) foi afetado por fraudes e ineficiência. A Missão Nacional de Saúde, um importante programa de saúde pública do governo indiano, viu seu orçamento cair desde 2014. Esse declínio acentuado começou quando o governo de extrema-direita de Modi chegou ao poder em 2013. O impacto é catastrófico.



FN Souza (Índia), *Tycoon and the Tramp* [O magnata e a trampa], 1956.

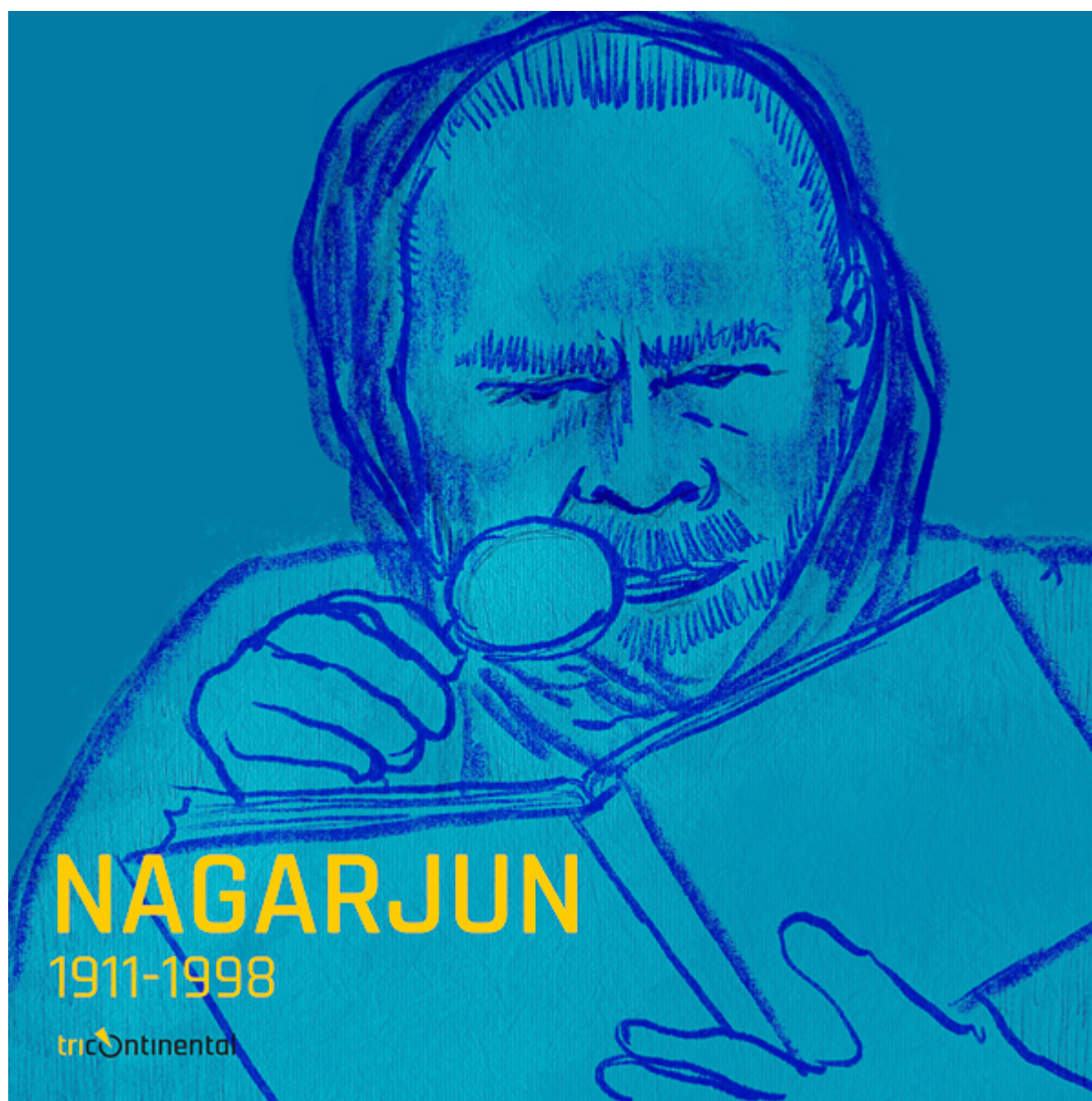
Desprezo pelo povo marca a perigosa incompetência dos governos de Bolsonaro e Modi. A atitude descuidada de Bolsonaro em relação à natureza altamente contagiosa do vírus fez com que não houvesse uma quarentena bem planejada no país; quando Bolsonaro começou a fazer campanha para reabrir completamente o país, o prefeito de São Paulo, Bruno Covas, acusou-o de brincar de “roleta russa” com a população.

Peoples Dispatch conversou com Jessy Dayane do Levante Popular da Juventude e Frente Brasil Popular para debater a postura negacionista do governo frente à covid-19 que forçou o povo a escolher entre morrer de fome e morrer de covid-19.

Em 24 de março, duas semanas após a OMS declarar a pandemia global, Modi anunciou subitamente um isolamento de três semanas. Nada foi dito por dois dias e, mesmo assim, o “plano” introduzido não tinha detalhes específicos. Dois dias antes do bloqueio, o Ministério Ferroviário suspendeu todos os trens de passageiros; os ônibus pararam de funcionar. Esse foi o começo de um conjunto catastrófico de eventos. Dezenas de milhões de trabalhadores indianos se deslocaram de suas vilas e cidades para procurar trabalho em outras partes do país. Muitos deles são trabalhadores diaristas, com pouco acesso à poupanças e geralmente têm hospedagem apenas se estiverem trabalhando. Sem aviso prévio, foram informados de que não tinham mais moradia nem como se locomoverem e tinham que caminhar centenas de quilômetros até suas casas. A vida na Índia rural foi afetada negativamente por um bloqueio imposto sem nenhum planejamento – como mostram os estudos realizados pelo **People’s Archive of Rural India** [Arquivo Popular da Índia Rural] e pela **Society for Social and Economic Research** [Sociedade para Pesquisa Social e Econômica].

Brinda Karat, integrante do Partido Comunista da Índia (Marxista) fala com o *Newslick* sobre o protesto nacional em 16 de junho.

A raiva nos dois países tem crescido. Sob a proteção do isolamento, esses governos tentaram avançar com o pior de sua agenda impopular – ataques aos direitos trabalhistas, privatização da saúde e medidas severas de austeridade. No Brasil, a palavra de ordem da vez é Fora Bolsonaro. Palavras que ressoam na Índia, onde os partidos de esquerda têm pressionado o governo Modi e suas políticas que prejudicaram bastante a população. O crescente descontentamento com governos de homens como Bolsonaro e Modi é um sinal de esperança.



Nagarjun, 1911-1998.

Todas as coisas devem passar. Até a pandemia e até a perigosa incompetência de Bolsonaro e Modi. Em 1952, o poeta hindu Nagarjun (1911-1998) escreveu um poema comovente sobre a fome intitulado *Fome e o*

que vem depois. Isso nos dá o tipo de esperança de que precisamos quando a luz no fim do túnel pisca e parece – por vezes – ter apagado.

Por dias a fio a lareira chorou, a pedra de moinho ficou abandonada.

Por dias a fio, o cão caolho dormiu ao lado deles.

Por dias a fio, os lagartos mantiveram uma vigília na parede.

Por dias a fio, até os ratos foram derrotados.

Os grãos chegaram à casa depois de muitos dias.

A fumaça subiu acima do pátio depois de muitos dias.

Os olhos da família brilhavam depois de muitos dias.

O corvo negro limpou suas penas depois de muitos dias.

Já estão abertas as inscrições para o segundo ciclo da **Exposição de cartazes anti-imperialistas**. O tema é neoliberalismo. Em nossa **entrevista ao pintor equatoriano Pavel Éguez**, ele nos lembra que “movimentos sociais constroem uma tese para o futuro”, e as ideias e reivindicações que emergem dos movimentos são o que pode “potencializar a arte”. Juntamente com a Semana Internacional da Luta Anti-Imperialista, o **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** está pedindo aos artistas que dêem uma voz visual às lutas populares. As inscrições devem ser feitas até dia 16 de julho e você pode ver a primeira exposição online, com o tema *Capitalismo*, **aqui**. Compartilhe essa **convocatória** para a arte.

No Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, estamos investigando o coronavírus e seu impacto no mundo. Você pode encontrar essas publicações em nosso site (mais publicações serão feitas em breve). Reunimos aqui algumas já publicadas:

Dossiê n. 28: CoronaChoque: um vírus e o mundo

Dossiê n. 29: Saúde é uma escolha política

Estudo CoronaChoque n. 1: China e CoronaChoque

Estudo CoronaChoque n. 2: CoronaChoque e a guerra híbrida contra a Venezuela

Alerta vermelho n. 7: Fatos essenciais sobre o novo coronavírus e a covid-19

Depois de muitos dias, as nuvens se dissiparão, o sol brilhará e a humanidade será capaz de transcender a perigosa incompetência do neofascismo.

Cordialmente,

Vijay.

Tradução: Dafne Melo